

## O Foley Como Agente de Imersão e Movimento: Uma Análise do Filme Vinil Verde<sup>1</sup>

Felipe FREITAS<sup>2</sup>  
Geórgia CYNARA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás

### Resumo

O presente artigo tem como objeto de estudo o curta-metragem “Vinil Verde” (2004, Kleber Mendonça Filho), que foi baseado em um conto russo e adaptado por Kleber Mendonça Filho e Bohdana Smyrnova. A análise será feita a partir de uma visão geral sobre a sonoplastia do curta, tanto em trilha-sonora quanto em narração, mas com foco em como o foley reflete nas imagens e nas áreas sonoplásticas já citadas. Este estudo será feito de forma gradual, explicativa e exemplificada, por conta das diversas camadas visuais e principalmente sonoras do curta, todo o processo em prol da hipótese de que o foley em Vinil Verde é o agente de imersão e movimento do curta.

**PALAVRAS-CHAVE:** foley; som; Vinil Verde; imersão.

### 1. Introdução

Vinil Verde é um curta-metragem dirigido por Kleber Mendonça Filho, diretor, produtor e roteirista recifense que é formado em jornalismo e começou a produzir conteúdo audiovisual em 2003 com curtas-metragens e hoje já possui dois longas prestigiados mundialmente. O curta é baseado em um conto russo chamado “Luvas Verdes”, que foi adaptado pelo próprio diretor e por Bohdana Smyrnova, e é sobre Filha, uma menina que mora em Recife com sua Mãe e vive uma rotina tranquila até o dia em que ganha uma caixa de discos dela, essa a proíbe de escutar o vinil verde. Ao desrespeitar o pedido de não ouvir o vinil, sua mãe passa a perder os membros do corpo cada vez que Filha escuta o disco.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao IJ04 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º período do Curso de Cinema e Audiovisual da UEG, e-mail: [felipehpcne@hotmail.com](mailto:felipehpcne@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema e Audiovisual da UEG, e-mail: [georgia.cynara@ueg.br](mailto:georgia.cynara@ueg.br)

---

O som, extremamente presente em suas diversas formas no curta, como trilha-sonora, efeitos sonoros e narração será o objeto de estudo neste artigo, tendo o foley como foco. O próprio Kleber Mendonça que fez o design e os ruídos do filme, editando juntamente com Daniel Bandeira. A narração, feita por Ivan Soares, à primeira vista é o principal recurso sonoro de imersão em Vinil Verde, mas este artigo aprofunda o foley visto como principal agente em causar movimento na foto montagem e em imergir o espectador.

Primeiramente, baseando-se em autores especializados, o foley será conceituado para se entender suas funções e possibilidades. Então, separando as posições do som no curta serão estabelecidas questões, estas que basearão a análise fílmica que responderá a hipótese deste artigo.

## **2. O foley**

Tanto no cinema quanto no audiovisual, o som é um elemento complementar e também narrativo dependendo de como é utilizado e em qual tipo de produção ele é empregado. No cinema dos primórdios, as produções cinematográficas não tinham som originalmente nos filmes, os mesmos eram exibidos durante alguma apresentação musical de uma orquestra, e nem sempre a música “casava” com o tom do filme ou vice-versa.

Isso quando se fala de música; voz e som ambiente não tinham nenhuma adição extra-diegética durante a projeção. Quando a voz foi empregada nos filmes e o som passou a fazer parte como complemento á imagem, houve uma resistência da indústria do cinema clássico em aceitar tamanha evolução, porque acreditavam que algo além da imagem tiraria a “magia” de assistir aos filmes, pois o áudio trazia os espectadores de volta a realidade, ou seja, deixava o filme com um ar mais naturalista, e essa resistência vinha principalmente do cinema russo.

Com o tempo, entre avanços tecnológicos e avanços narrativos, o som passou a ser “natural” no cinema, e por conta disso era necessário que ele fosse mais abrangente e tomasse conta de todas as camadas da imagem. Um grande avanço e uma área muito curiosa do som e do cinema, então, surgiu, o foley.

Recebeu esse nome depois que Jack Foley, um engenheiro de som da Universal Studios, gravou uma grande quantidade de sons que seriam usados na pós-produção de filmes. Isso incluía barulho de portas, chaves, água e etc. Então, foley é basicamente todos os sons que precisam ser postos após a gravação de alguma cena, ele vem na pós-

---

produção, cobrem sons que não foram bem captados pelo som direto ou efeitos sonoros da gravação propriamente dita.

A gravação é feita em um estúdio isolado e na maioria das vezes apenas com 1 ou 2 técnicos de foley trabalhando nele, ela quase sempre é produzida com materiais diferentes dos objetos que devem receber um som na cena, ou objetos que tenham sonoridade semelhante movidos por uma ação do artista de foley.

Uma característica muito marcante também da produção de foley, é que para se criar um som, pode-se gravar diversos sons separados para na ilha de edição, juntá-los em uma mixagem até chegar no resultado desejado. Mas também, pode-se gravar com várias pessoas, cada uma responsável por um objeto, ao mesmo tempo; porém isso demanda muito ensaio e dificuldade, porque muitas pessoas podem interferir com suas respirações no gravador do estúdio, além de que a chance de erro é muito maior.

### **3. O som além**

O foley, então, é de extrema importância para as narrativas clássicas e para o cinema naturalista, e agora empregado mundialmente quebrando todas as críticas e resistências ao longo de seu surgimento.

Akira Kurosawa, cineasta japonês que exaltou em toda sua carreira o cinema mudo, também ressalta a importância do som quando fala “O som do cinema nunca é meramente um acompanhamento, nunca meramente o que o gravador capturou quando a cena é rodada. O som de verdade não apenas se adiciona à imagem, ele a multiplica” (sic).

E é a partir desta hipótese de que o som multiplica e tem maiores funções do que apenas acompanhar, que este artigo analisará o foley na produção em curta-metragem “Vinil Verde”, do diretor Kleber Mendonça Filho. Kleber, que inclusive, tem uma grande relação com o som em seus filmes, principalmente seus dois longas, em que o primeiro “O Som ao Redor” o popularizou no cenário do cinema brasileiro.

Em Vinil Verde, a parte visual não é em vídeo, e sim uma fotomontagem, a parte do áudio é o que nos ambienta em toda a história, principal e primeiramente através da narração do Ivan Soares. Porém, o foley, de grande presença e “brincando” entre estar sincronizado e não estar sincronizado, parece trazer movimento e uma interessante imersão à fotomontagem, e isso visível em várias cenas do curta.

#### 4. Análise: movimento e imersão

O curta-metragem começa com a narração de Ivan Soares e ambientando o espectador à rotina diária de Mãe e Filha, onde Mãe todos os dias abre as janelas do quarto da menina e a observa se espreguiçar, para depois tomarem café da manhã juntas. O som neste primeiro momento é um áudio ambiente, com passarinhos ao fundo e o constante “chiado” captado no silêncio.

Na refeição, houve-se os sons de talheres e pratos, e depois as fotos das duas na mesa comendo. Este foley é o primeiro do curta com função de ambientação, pois as imagens da refeição em si só aparecem depois que o som do foley surge, e também por conta do efeito causado pelo fotograma, ele tem função de imersão. Esta ação dupla antecede o momento que o foley quebra a sincronia e a imersão da junção dos sons ambiente e narração, que é quando após a refeição aparece uma sequência de fotos onde Mãe se despede da Filha em frente a porta da casa (figura 1).



**Figura 1.** Mãe indo para o trabalho, foley adiantado.

Vejamos isso de forma separada, neste intervalo de fotos da despedida, há três foleys:

- porta abrindo
- passos da Mãe
- porta fechando

O som da porta abrindo surge durante a foto do abraço das duas, quase um segundo antes de aparecer a foto que Mãe realmente abre a porta, e quando esta aparece, os sons de passos e porta fechando são rápidos e quase ao mesmo tempo, finalizando com a foto

de filha parada em frente a porta fechada. Isto exemplifica a peculiaridade do foley em Vinil Verde, que nos seus primeiros minutos, causa estranhamento e falta de sincronia, mas que por causa de uma montagem singular nesta relação imagem/foto x som, transmite sensação de movimento.

Outro exemplo de foley antecipado e dessas características citadas acima na cena anterior, é o momento seguinte quando Filha corre até o quarto e abre a caixa de discos (figura 2). A sutil diferença aqui é o tom que o foley transmite no espectador, ele inicia a imersão gradual de suspense que passará a estar presente em todo o curta, tanto pela rápida montagem, pelo adiantamento, quanto pela presença do som de vinil antigo enquanto a música do vinil verde toca.



**Figura 2.** Cena que Filha ouve o vinil verde pela primeira vez, frame exato do momento que o foley surge antecipado à ação.

Á partir deste momento, que é onde a parte sobrenatural e sinistra da história passa a ser o foco, os sons de Vinil Verde começam a trabalhar juntos de maneira perfeita para a construção de uma atmosfera de suspense. O foley passa a ser extremamente “descritivo” para com a fotomontagem, empregando movimento e agilidade.

“A percepção sonora e a percepção visual comparadas entre si, são muito mais díspares do que se imagina. (...) a relação destas duas percepções com o movimento e com a imobilidade é sempre fundamentalmente diferentes, uma vez que o som, ao contrário do visual, pressupõe logo movimento. (...) O som implica necessariamente e por natureza um deslocamento, ainda que mínimo, uma agitação.” (CHION, 2011, p. 15 e 16)

Em um curta-metragem quase que inteiramente em fotomontagem o som de pós-produção, o foley, tem papel fundamental em empregar certa agilidade às imagens, deve também “dar vida” para movimentos que as personagens fazem. Em Vinil Verde isso acontece, mas o interessante, porém, é que a narração às vezes corta o foley e acompanha os movimentos das duas personagens juntamente com o som ambiente e os efeitos sonoros e trilha-musical, aumentando consideravelmente a cada minuto o sinistro suspense que rodeia a história de Mãe e Filha.

Por vezes, o foley é pontual e some durante cenas tensas, deixando espaço aberto para a imersão do espectador através das outras camadas sonoras do filme. Depois de ter momentos de quebra de sincronia, empregar movimento e agilidade e participar efetivamente no processo de imersão, o foley toma uma característica sinistra e deveras exagerada na última cena do filme, quando as Luvas Verdes atacam Filha (figura 3), como se toda imersão culminasse no ponto alto do terror de Vinil Verde.



**Figura 3.** Cena em que as Luvas Verdes atacam Filha.

## 5. Conclusão

O cinema, uma arte que nasceu sem som, passou por diversas transformações que o qualificaram através dos tempos que o deram ferramentas habilitadas para produzir, mixar, gravar e transformar os sons. O som hoje está diretamente ligado à imagem e vice-versa quando o assunto é cinema, mesmo com todas as resistências o áudio se mantém.

Mas a ideia de que o foley é apenas um suporte não é assim tão real, e Vinil Verde prova isso, pois é um curta-metragem que aproveita seus sons de maneira em prol da narrativa de modo que eles sejam responsáveis em imergir o espectador em uma espécie

---

de conto infantil sinistro, e o foley tendo papel principal em dar vida e movimento á fotomontagem, recurso escolhido por Kleber Mendonça Filho.

Durante o processo de análise do filme, consegue-se identificar bem pontualmente os momentos em que o trabalho do foley em Vinil Verde é bem maior do que corrigir erros ou substituir sons como ele é usado geralmente, ele tem a missão – bem cumprida – de casar-se com a fotomontagem de modo que ela se tornasse única, e aí que ele também funciona como agente de suspense, este ponto sendo identificado e principalmente levado em conta só durante o processo de análise, o que deixou o artigo mais instigante para mim ao realizar, tentando distinguir os momentos em que os sons trabalhavam como agentes de movimento como agentes de suspense. E o resultado é que raramente separadas, essas funções sempre se encontravam no processo de imersão do espectador.

## Referências

COSTA, F.C. **O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

CHION, M. **A Audiovisão**. Portugal: Texto e Grafia, 2011.

JACKSON, B. **Foley recording**. EUA: Prism Business Media, 2006.

ELIAS, P.R. **A importância do som no cinema**. Websinder, 2010. Disponível em: <<http://webinsider.com.br/2010/05/30/a-importancia-do-som-no-cinema/>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

**FOLLEY Artists: How Movie Sound Effects Are Made**. Produção de Academy Originals. USA, 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=U\\_tqB4IZvMk&t=268s](https://www.youtube.com/watch?v=U_tqB4IZvMk&t=268s)>. Acesso em: 17 mar. 2019.